



Fotos: Giovanna Rodrigues CB/DA Press

Engatinhando na leitura

O incentivo à leitura deve vir desde cedo. Atendendo bebês de até 1 ano e 5 meses, o projeto Bebê que Lê nasceu em 2023 dentro da Biblioteca Escolar e Comunitária Professora Tatiana Eliza Nogueira, na 308 Sul, e já carrega uma atmosfera “cult”, querida pela comunidade. Com músicas, histórias e descobertas, a iniciativa vem transformando a relação da primeira infância com os livros, e das famílias com a leitura. O espaço se enche semanalmente de risadas, pequenas mãos folheando páginas coloridas e pais curiosos em busca de novas formas de aproximar os filhos do universo literário.

A idealizadora do projeto é a professora e pedagoga Ana Neila Torquato. Também escritora de livros infantis, ela explica que, a princípio, a narrativa não é o mais importante para os bebês, mas o ato de estar perto de alguém que lê para eles. “Eu vejo muitos relatos de mães contando que as crianças veem o livro como um brinquedo. Elas aprendem a folhear, a ver as figuras, chamam o papai e a mamãe para perto, usando o livro como fonte para construir laços afetivos”, detalha.

Ou seja, mais do que incentivar o gosto pelos livros, a proposta é formar repertórios afetivos. No começo, os encontros eram no estilo “só chegar e participar”, mas a demanda cresceu e inscrições prévias passaram a ser necessárias. Os encontros acontecem três vezes por semana, no período da tarde, e hoje já existe uma lista de quase 500 famílias na fila para participar.

A educadora Priscilla Montes explica que a família é o primeiro espaço de convivência e de afetos e, portanto, o primeiro ambiente onde a leitura pode ser associada a prazer, curiosidade e vínculo emocional. “Quando uma criança vê seus pais ou responsáveis lendo, quando é presenteada com livros ou escuta histórias antes de dormir, ela aprende que a leitura é um gesto de cuidado e partilha”, detalha.

A cada encontro, cantos, brincadeiras e histórias se entrelaçam, revelando o livro como um objeto central. Os pais e seus bebês sentam em círculo em tapetes e lonas coloridas. Ao som de músicas animadas, a mediadora Ana Neila inicia a sessão já interagindo com os pequenos, com objetos coloridos, e claro, livros.

Novos livros são escolhidos a cada encontro, e as brincadeiras são planejadas de forma a completarem a leitura, com objetos que aparecem na história, por exemplo. Tudo pensado para que haja interação entre os bebês, os pais e as histórias contadas. “Aqui, a gente entende o livro como um objeto cultural superimportante, é uma abertura de portas, para diálogos, para relações afetivas, para as múltiplas linguagens dentro do livro, é onde a criança vai entrar em contato com a fotografia,

com a aquarela, com recorte, colagens, para criar desde de cedo uma bagagem”, diz Ana.

Ali, as famílias aprendem que não é preciso ser um contador de histórias experiente, mas ter disposição para fazer a leitura acontecer dentro de casa. E o resultado tem sido emocionante: bebês que crescem entre palavras voltam em novas gerações e constroem, junto aos pais, uma relação viva com a literatura.

Colhendo os frutos

Um exemplo disso é a história da Laura Nascimento, ela ouviu falar do projeto ainda no comecinho. “No primeiro encontro, minha mãe, que mora perto da biblioteca, trouxe a Laís, minha filha mais velha, e já se apaixonou. Desde então, passamos a frequentar toda semana”, conta Laura.

O carinho pelo projeto se tornou tão grande que, quando engravidou pela segunda vez, Laura fez seu ensaio maternidade em frente à biblioteca e logo nos primeiros meses fez a inscrição e garantiu a vaga da pequena Giovana, que agora não perde um encontro. Laís, hoje com 2 anos, já tem interesse pelos livros e chama os pais para ler com ela e passear na biblioteca.

Outro caso de como o projeto influenciou o relacionamento com os livros, é o da Maria Luiza Menegaz, mãe de Liz. Ela decidiu fazer a festa de aniversário de 1 aninho da filha com o tema livros, que agora fazem parte da vida cotidiana da pequena.

E há quem diga que o projeto também influencia os pais. Marina Queiroz não tem o hábito de ler, mas procura incentivar o filho Marcelo, de 1 ano e quatro meses, a ter interesse pelos livros. Há seis meses, eles frequentam o projeto, e Mariana conta que vê o interesse do filho pelos livros. “Ele mesmo folheia, aponta para as figuras, pede para ler. Gosta muito também das músicas e de toda a parte lúdica, que chama muito a atenção dele”, detalha. Marina diz que, por conta disso, também tem procurado inserir a literatura no seu dia a dia, visando estimular o filho.

Além do Bebê que Lê, a biblioteca conta com outros projetos, como o Pequenos leitores, que segue uma dinâmica parecida, mas focada em crianças um pouco mais velhas, de 2 a 3 anos, vindas de turmas passadas do Bebê que Lê. Já a Piqueteca é um piquenique temático que ocorre duas vezes por ano. Todos os projetos são coordenados por um grupo de quatro professoras — além de Ana Neila, estão presentes Hosana Claudia, Adriana Alvim e Hozana Costa, e a coordenadora Diane Mee.

A biblioteca também recebe alunos de escolas públicas com o projeto a Hora do conto. O propósito é que os estudantes tenham leitura dinâmica e compartilhada. No primeiro semestre deste ano, foram atendidas três escolas do fundamental 1. Já no segundo semestre, são intercalados alunos do ensino fundamental 2 e ensino médio.

***Estagiárias sob supervisão de Sibeles Negromonte**



Maria Luiza Menegaz, mãe de Liz, decidiu fazer a festa de aniversário de um aninho da filha com o tema livros